

Credor prevê acordo com o Brasil em uma semana

Nova Iorque — "Nossas negociações com o Governo brasileiro sobre um acordo de médio prazo continuam em andamento e espero que possa anunciar um acordo preliminar dentro de uma semana". A declaração é do coordenador da dívida externa brasileira, William Rhodes, vice-presidente do Citibank, em conferência no Financial Executives Institute, em Manhattan. Rhodes falou amplamente sobre a dívida externa brasileira e sua problemática nos últimos meses.

"A principal questão recentemente tem sido o Brasil que em fevereiro de 1987 declarou uma moratória no pagamento de juros aos bancos credores na dívida de médio e longo prazo. Mesmo assim, em novembro passado, depois de uma negociação entre o Governo brasileiro e o comitê credor, o País fez o primeiro pagamento de juros desde a moratória. Outros pagamentos se seguiram. Em fevereiro o ministro da Fazenda Maílson da Nóbrega deu uma declaração expressando o desejo do Brasil terminar com a moratória e restaurar boas relações que tradicionalmente mantém com seus credores. Alguns economistas estimam que a moratória custou ao Brasil entre US\$ 1 e US\$ 1,5 bilhão. Esta estimativa inclui fatores tais como: taxas de juros e de risco maiores que o País poderia

ter obtido caso tivesse um acordo plurianual com os bancos, o cancelamento de algumas linhas comerciais e custos maiores com as linhas que permaneceram intocáveis, a perda de novos investimentos não só dos bancos comerciais como das instituições multilaterais, além do baixo retorno que o País teve ao transferir suas reservas para o BIS (Banco Internacional de Compensações, na Suíça) com medo das reações dos credores, e finalmente a grande fuga de capital".

Mas Rhodes quis dar apoio ao "pacotinho" de medidas anunciadas semana passada pelo governo Sarney. "Na semana passada o ministro Nóbrega anunciou medidas para reduzir substancialmente o déficit público do Governo. Isso é parte de uma reestruturação da economia brasileira e uma forma de racionalizar a economia. A declaração de moratória no ano passado foi um marco na crise da dívida externa. O fim da moratória brasileira quando vier oficialmente também deveria ser considerado como um marco".

Semestralidade

As declarações de Rhodes são muito importantes, segundo os observadores econômicos. Elas por si só já seriam mas, sendo feitas um dia depois do seu encontro com o

ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, em Nova Iorque, mostram que algo foi acertado entre as duas partes para fechar o acordo. E segundo fontes credoras o acerto é que "o Brasil fará pagamentos semestrais da dívida externa como faz o Chile, ao invés de pagamentos mensais, o que aliviaria a posição de caixa do País. Os bancos já previam isso e é algo aceitável já que o Brasil mais uma vez mostra que pode pagar, mas seria apenas um mecanismo de ajuste. Acredito que não há problema. Chegou a hora de fechamos um acordo com o Brasil e não vamos desperdiçar o momento", disse à agência Globo uma alta fonte credora.

Os banqueiros esperam que o Fundo aceite os números de 5% de déficit público, e 616% de inflação. Eles esperavam números mais baixos e até um corte nos subsídios. "Caso houvesse corte nos subsídios a inflação subiria, mas aí o déficit público diminuiria e haveria uma justificativa boa para o FMI. Acredito que o "pacotinho" como foi definido a reestruturação econômica brasileira da semana passada é muito pouco até o momento. Tem que fazer outras coisas como cortar os subsídios", disseram os banqueiros. A previsão é que o acerto seja no final de semana.